

# Pequeno mapa audível do Chile

Gabriela Mistral

# Pequeno mapa audível do Chile

Gabriela Mistral

## Nota da editora

Com o título de “Pequeño mapa audible de Chile”, este ensaio de Gabriela Mistral foi publicado no periódico chileno *El Mercurio*, em 21 de outubro de 1931, e atualmente está disponível no site dedicado à escritora e desenvolvido pela Faculdade de Filosofia e Humanidades, da Universidade do Chile, em parceria com o SISIB (Sistema de Serviços de Informação e Biblioteca), da mesma instituição: <https://www.gabrielamistral.uchile.cl/prosa/peqmapa.html>

Ocorre-nos que só o “rádio” – e não outro meio – poderia oferecer um ensaio de “mapa audível” de um país. Os mapas visuais já foram feitos, e também os palpáveis, ou seja, os de relevo; faltaria apenas o mapa das ressonâncias que tornasse uma terra “escutável”.

A coisa virá, e não tardará muito; se recolherá o entrevero dos estrondos e ruídos de uma região; sem tocar as feições do solo, colinas nem cidades – com as patas do “rádio” pousando angelicamente sobre a atmosfera brasileira ou chinesa –, nos será entregue, verídico como uma máscara, impalpável e efetivo, o duplo sonoro, o corpo sinfônico de uma raça que trabalha, padece e batalha.

\* \* \*

O país, tanto para este como para outros misteres, revela-se árduo de recorrer e capturar. A caixa de som é compridíssima. É preciso escutar como o veado: com orelha não apenas aberta, mas também estendida em tubo captador.

A estas horas, começa lá o nosso dia de viver. É quase manhã. Na região norte – pampa salitreira, crosta de cobres, pratas e ouros –, ressoam cavadeiras, picaretas e pás, em um inferno rítmico; descasca-se, a golpes brutais e numéricos, ou então se dinamita, o chamado Deserto de Sal. Nas pausas de silêncio, ouvem-se as máquinas moedoras da massa selvagem chamada “caliche”; pedra e sal, refugio e pó.

O Deserto de Sal deu forma ao homem chileno e o arrematou, bem plantado, bem fundado, êxito cabal da carne americana. Ele veio de sua peleja com a crosta calicheira e de sua vida de peito a peito com o mar. Contadores de história e poetas, quando querem falar do nosso homem, não o fazem senão marinheiro ou mineiro e falam, assim, de suas duas forjas naturais.

Mais abaixo, onde começa a vegetação – sobre o Atacama e Coquimbo –, a cavação e a picaretada seguem a mesma toada: nítida e teimosa; mas se moem ali materiais mais nobres: o cobre, sangue da nossa geologia; a prata, que, depois de ter sido abundante, já raleia e se esquivava. O ouro não sai das minas; na montanha um pouco mágica de Andacollo, o ouro percorre córregos e regatos, em pepitas como grãos de mostarda ou de arroz. Essas águas milagrosas, que nascem aos pés de um templo indígena, costumavam manter antigamente grupos locais que não queriam violentá-las, para não as extinguir; hoje dão de comer a sete mil homens em jornada diária.

Traçada com o estrondo das picaretas, a orelha delgada ouve a respiração ofegante do homem. Não se vê esse homem, nem é preciso; tem o peito largo lavrado pelo grande fôlego; cara de matador de pedra – e, quando se ergue após penetrar e desentranhar, uma criatura caminha com a marcha daquilo que é: avança como dono de toda a terra e parece cravar, com o calcanhar soberano, cada um de seus passos.

\* \* \*

Sair agora, lançando a orelha em flecha disparada para o Sul. Há primeiro um alvoroço de porto, do porto maior do Pacífico, que cunhamos com gracioso nome espanhol: Valparaíso. Vale do Paraíso. Se tivermos navegado desde São Francisco, sofremos, nas costas tropicais, com a falta de um porto padrão e patrono de águas; mas, ao chegar a essas alturas, lançaremos uma aleluia! Valparaíso faz as vezes de São Francisco; Valparaíso basta para a costa sul-americana inteira.

Os barcos entram e saem da baía, exposta aos ventos e dobrada pela tenacidade dos chilenos, que a obrigam a tornar-se desembarcadouro. Ferve, nos calçadões e na água, um povo vivo, que parece marselhês ou catalão; vai e vem um cardume de tráfego marítimo que grita, em inglês e em espanhol, as picantes interjeições marinheiras. Valparaíso faz sua parte. Sua parte são vinte mil barcos recebidos e enviados anualmente. O que envia são as indústrias

inovadoras e garridas da região, que ele distribui ao longo do trópico; o que recebe são os açúcares, os arrozes tropicais e a maquinaria ianque e inglesa, que em pouco tempo será feita por nós mesmos, território adentro.

Um mar violento e voluntarioso – o mar nomeado com seu adjetivo oposto: Pacífico –, excita e esporeia com iodios e sais os grupos de estivadores, grumetes e gente de pesca. É uma água digna dos gregos, valente e humana; nem o caldo fervente do equador, nem a lâmina mortífera do círculo austral. Ó, grande Baía de Valparaíso! Anda em romances e poemas ingleses e noruegueses. Quem a navegou a conhece e sempre a menciona ao contar sobre seus mares.

\* \* \*

A orelha agora se solta da costa, porque o ouvido, como o olho, muda de passagem com gosto – e mais lhe apetece seguir do que permanecer.

Estamos no interior, sobre uma região de nome precioso: Planície Central, glória botânica do Chile. O vale do Ródano é mais curto; o do Pó, a mesma coisa; o do Nilo se parece, na lonjura e na generosidade dos limos.

Passa um ar suave e doce, surpreendido por pouco vento, e os odores do agro dormem na caixa profunda da planície. As ressonâncias têm mudado desde o deserto até aqui; os sons se humanizam e se abrandam sobre o solo de polpa e o ar de poucas rajadas. O mar e a montanha, eminências agitadas, se encontram distantes. É o clima de Ceres por excelência, seguro, estável; clima de matriz de terra ou de mulher. Em outras partes do mundo, viver será a rinha raivosa e enlameada contra o penhasco ou o mangue; ali, viver se chama complacência e segurança, destino natural do homem filho de Deus.

As vinhas e os pomares repartem entre si aquele suave corredor terrestre; uma longa faixa verde, sem chaga de aridez, deleite de castas agrárias. Há irrigações suficientes, que nossas águas de engenharia dão, em canais lentos e eficazes. Os esmerados retângulos de fazendas, as províncias agrícolas, correspondem a pessegueiros, macieiras e vinhas e, mais abaixo, panos de trigais; províncias de cor e aroma, departamentos frutais, distritos graneleiros. A gente latina não alcançou produzir em solo mediterrâneo vinhedo ou pomarada melhores que os do Vale Central do Chile.

Ainda atravessam aqui e ali antigos arados romano-espanhóis, com seu rangido de queixa de homem; mas o mais frequente tem sido a maquinaria agrícola, reluzente e veloz, que passa com um zum-zum de bando de gafanhotos ou com um pequeno estrondo de aços musicais, lançando brasas de um lado a outro do campo.

Esse ar rural tem mais canções do que os outros que mencionamos. As mulheres capinam, podam e colhem entre canto e comentário. No vozerio da trilha clássica do Aconcágua ou de Chillán, e na algaravia da vindima de Coquimbo, cintilam gritos e falas de mulheres e de crianças. A orelha se dá conta de que aí, sim, as vozes do “homo” e “femina” são distintas como dois continentes ou duas ordens. O homem grita a estilingadas, com pedra lançada; a mulher assovia ou se recata, tal qual a codorna e a rolinha, seja cantando ou somente falando; é a fala sul-americana mais doce deste mundo, a mais terna pronúncia falada por filho de homem.

\* \* \*

Agora já terminamos a viagem. A Patagônia está muito distante; mas a retomaremos contra a geografia e o destino – e devemos mencioná-la.

Neste imenso planalto austral, ouve-se – quando se ouve alguma coisa – uma marca selvagem que investe contra os canais e forceja em meio ao grande estreito. Rumo ao interior, mal povoado, há uns silêncios de ervas imensas, de espessos e adormecidos herbais, que se parecem com o estupor provocado pelos icebergs no último mar. De quando em quando, gritos, alçados e logo derrubados, de pastores que tangem o gado, com duas ou três notas quebradas e ascendentes.

E, nas estações ruins, o vento patagônico é bastante pior que o Simum e o Tramontana – ele faz sua festa desesperada sobre a planície desimpedida, numa corrida de búfalos que destroem as pradarias em formato de tina, entregues e contritas. Mas volta o silêncio das boas pradarias, onde pasta a ovelha incontável, que bale para a terra verde, sua mãe e seu costume. A ovelha adormece nessa largueza branca ou verde, e aquele que goza deste encantamento por alguns anos se viciará no silêncio, como o olho se vicia nas extensões.

Eu gozei e padeci as pradarias patagônicas - no sossego mortal da neve e na tragédia inútil dos ventos - e as tenho por uma dupla e contraditória pátria de doçura e de desolação.

Nosso agradecimento aos apoiadores da campanha  
**Colofão – Financiamento coletivo da Chão da Feira**

Larissa Franco	Camila Lombardi Torres	Lucia Campos
Guilherme Gontijo Flores	Bernardo Esteves	Octavio Scapin Costa
Rosa Cristina Vieira	Gonçalves da Costa	Pereira
Silvia Amelia Nogueira	Rafael Barros Gomes	Marisol Barenco Mello
Mayara Blasi	Juliana Garcia Teixeira	Douglas Cristiano Silva
Debora Salomao	Mariana Mól	Filipe Costa Silva
Valeska Alves-Brinkmann	Paula de Souza Carmo	Diogo Silva Da Cunha
Rafael Camisassa	Milene Migliano Gonzaga	Ewerton Belico de Sousa
Patrícia Mourão	Maria de Fátima	Thiago Panini Primolan
Karine Assis	Junqueira Fenati	Sofia Salustiano Botelho
Lilian Jacoto	Guilherme Freitas	Claudia Gimenez
Ana Martins Marques	Bernardo Romagnoli	Victor Guimaraes
Elisa Marques	Bethonico	Nina de Figueiredo Brina
Michelle Santos Sena de Oliveira	Nadia Rodrigues de Figueiredo	Aragon
Aline Magalhães Pinto	Mariana Moura Cruz	Rita Davis Cavalcanti
Julia Baumfeld Machado	Mariana Zani	Amir Brito Cadore
Joao Guimaraes	Julia Panadés	Natalia Timerman
Julia Raiz do Nascimento	Felipe Chemicatti	Rafael Souza de Oliveira
Lia Baron	Larissa Lins	Mariana Lage
Paulo Andre	Nathalia Scherer	Ana Paula Silva de Assis
Felipe Magalhães	Diogo Cronemberger	Flavia Andrade Mafra
Joana Tavares Pinto	Renata Hesseler Kreutz	Luiz Eduardo Araripe
Maria Leite Chiaretti	Carla Maia	Pretti Miranda
Flávia Drummond Naves	Pedro Rena Todeschi	Rita Aragão de Podestá
Carolina Junqueira	Leila Danziger	Fabiano Campelo
Mônica de Aquino	Laura Krebs Alvares	Bechelany
Roberta Carvalho Romagnoli	Suzana Teixeira de Macedo	Icaro Ferraz Vidal Junior
Desirée Kinoshita Ribeiro de Oliveira	Maria Rita Drummond Viana	Júlia Lopes
Tatiana Blass	Reuben da Rocha	Isabela Cristina Coelho
Marcella Prado	Ana Rabello	Amano Carmo da Mota
André Guimarães Brasil	Fernanda Regaldo	Isaac Pinto Firmino
Paula Oliveira	Herbert Baioco	Pedro Meira Monteiro
	Olivia Loureiro Viana	

Caderno de Leituras n. 189 | 2026

Pequeno mapa audível do Chile

*Pequeño mapa audible de Chile*

Gabriela Mistral

**Edição**

Maria Carolina Fenati

**Tradução**

Thiago Panini Primolan

**Revisão da tradução**

Davis Diniz

**Preparação de texto**

Maria Carolina Fenati

**Revisão**

Andrea Stahel

**Projeto gráfico**

Luísa Rabello

**Coordenação da coleção**

Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Suisse Works e PP Neue Montreal

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, abril de 2026

Esta e outras publicações da editora

estão disponíveis em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)